

TRAVEL

À Biblioteca Pública de
Braga

27
MARÇO
1971

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

A apreciação pública da Reforma da Educação Nacional

Aberto o período fixado para recepção de sugestões relativas à reforma da Educação Nacional, recentemente submetida à apreciação pública por iniciativa do titular da pasta, Prof. Dr. Veiga Simão, ao organismo criado para o efeito — um secretariado próprio — podem ser dirigidos todos os pareceres, propostas ou simples opiniões quanto ao complexo assunto em causa, o qual diz respeito ao talvez mais decisivo aspecto da vida pública portuguesa.

Com efeito, do êxito dos planos ora delineados dependerá em larga medida o futuro da comunidade, mais do que nunca ligado à habilitação dos seus membros num Mundo em que as profissões qualificadas determinam a evolução da conjuntura eco-

nómica e social. Nestes termos, as alterações que se registam no âmbito da reforma fazem incidir no prolongamento da escolaridade obrigatória e na profunda remodelação dos ensinos secundário e superior todo um esforço de actualização cujos efeitos não podem deixar de se sentir.

Assim, e como factor previsível, a democratização que se pretende assegurar parece constituir garantia bastante da abertura do ensino, designadamente o superior, a toda a juventude, independentemente do nível económico dos agregados familiares de origem, dada a nova dimensão da acção social escolar que, já no corrente ano lectivo, sofreu um aumento de verbas que quintuplicou o último montante atribuído.

Simultaneamente, a distribuição de novos estabelecimentos de ensino superior por centros populacionais não tradicionalmente universitários, vai actuar neste mesmo sentido, evitando deslocções sempre onerosas para os orçamentos familiares, ao assegurarem, através de Institutos Politécnicos, cursos superiores susceptíveis de continuação no âmbito das Universi-

(Continua na 3.ª página)

OS «TRUSTS»

Na avaliação serena das várias conjunturas económicas que têm abalado o país durante décadas, sempre foi notada a bizarra forma de as modelar, mercê de processos seguidos consoante as características de cada uma, nanja por nós, portugueses, mas pela cópia quase integral da Economia alheia.

Poderemos concluir então que o panorama económico nacional se tem desenvolvido, não numa acção conjunta das diversas fases empresariais, como deveria ter sido, mas mercê de legislação adequada, cuja obrigatoriedade implica, necessariamente, a ló-

gica distribuição do fomento nacional, quer interno, exportador ou importador.

A quando de uma fase económica aguda criaram-se por toda a orbe os chamados «trusts» sob os quais se salvou largo capital em vias de desaparecimento e com isso toda a Humanidade se regozijou, na mira de que a sua promoção dar-lhe-ia o inevitável bem estar de que ainda hoje necessita. Contudo, volvidos anos, tudo caminhou do mesmo modo e aquele que vivia do seu trabalho continuou estagnado sob novos estímulos que foram aparecendo. Nada de novo economicamente se apercebeu, a não ser maior densidade de benefícios empresariais, mediante a coligação que o capital então processou.

Foi precisamente nesta altura que as estações emissio-

(Continua na 4.ª página)

Corporativismo:

é urgente ensiná-lo

Das convenções colectivas do trabalho que, em ritmo acelerado têm sido, nos últimos tempos, estabelecidas ou melhoradas, a mais recente é a que diz respeito aos caixeiros de vários ramos do comércio do distrito de Lisboa, designadamente aos empregados das lojas de tecidos, de luvaria, de sapataria, de drogaria e perfumaria, de malhas e de vestidos de senhoras. O recurso a uma comissão arbitral foi, como parece acontecer na maioria dos casos, o caminho seguido para se chegar a acordo entre patrões e empregados.

De todas as vantagens conseguidas para os caixeiros através desta nova convenção — e que incluíram não só aumentos de ordenado e melhorias em matéria de subsídios de férias e garantias de não despedimento — apenas uma não foi homologada pelo Ministério das Corporações e Previdência Social: a respeitante ao regime de quarenta e quatro horas de trabalho semanais durante o ano inteiro; o Ministério autorizou apenas que esse regime vigore nos meses de verão, quando é menor a freguesia

«Continua na 2.ª página»

5.ª COLUNA

Houve um dos grandes jornalistas do nosso tempo que dizia e muito bem não haver dificuldade em reportar fosse o que fosse. Preciso era que o acontecimento se desse. E tinha razão. Por outro lado, explicava e muito bem que o difícil não era ser repórter, era ser cronista, pela tal dificuldade de encontrar o assunto oportuno.

Ora, apareceu assunto pa-

(Continua na 4.ª página)

Mini-Gazeta

O Príncipe da Beira visitou Viana do Castelo. Ali foi dito ser preciso integrar Portugal...

Que tenhamos o bom senso
De se reverenciar
Os que houveram de nos dar,
Pela terra e pelo mar,
Toda a gesta deste imenso

Portugal, em que vivemos,
'stamos de acordo; pois é:
Mas seguros de que o Zé,
Tem na mente o tagaté
Por aqueles qu' inda temos,

Pergunto, com toda a gana,
Por que o Príncipe da Beira
Foi levado de maneira,
A entrar na chuchadeira
Política de Viana?

Então ser-nos á preciso
Integrarmos Portugal?
Tudo é nacional
E se assim não é normal
— Parece faltar-nos siso:

DAVUS

Morreu em trágico desastre de aviação

o Terrasbourense Alferes Piloto-Aviador Instrutor João Manuel da Rocha Marques

Continuado do número anterior

O aspirante teve morte imediata. O alferes, de resistência descomunal, ainda foi encontrado com vida e lúcido, apesar de os socorros terem demorado. Em mais uma atitude de altruísmo, quando os bombeiros iam tirar o seu corpo de entre os destroços, pediu: «acudam

primeiro ao meu aluno, que deve estar pior que eu». Depois, pediu: «tirem-me com cuidado». Teve três horas de vida, vida que teria sido talvez salva se tudo tivesse sido bem organizado. O comandante da Base, sr. Coronel Valente, pediu um helicóptero para se deslocar ao local. Não teria sido mais

lógico que mandasse o helicóptero para transportar os feridos, que poderiam estar com vida, como um deles estava efectivamente? Depois, foi transportado aos braços dos dedicados bombeiros, através da floresta, até à ambulância, que ficou longe. Seguiu o resistente alferes

(Continua na 4.ª página)

Notícias o Canadá

Contrariando todas as perspectivas, o Primeiro Ministro do Canadá, Pierre Elliot Trudeau, de 51 anos, nascido na província do Quebec, contraiu matrimónio com a sra. Margaret Sinclair, de 22 anos, nascida na província da British Columbia, ora comemorando 100 anos de existência.

O casamento, realizado debaixo do maior sigilo, contou com a presença dos pais e irmãos da noiva e com o irmão do noivo e esposa, Sra. Charles Trudeau. A mãe do noivo, em virtude da interdição do aeroporto Dorval, em Montreal, não pude comparecer.

O casal, depois de terem passado 3 dias em lua de mel nas montanhas, já retornou a Ottawa.

* * * * *

Em Montreal a neve tem flagelado a cidade impiedosamente. Pilhas de neve são vistas em quase toda a província do Quebec. Durante 5 dias caiu neve ininterruptamente, ocasionando acidentes e mortes. O aeroporto Internacional de Dorval esteve fechado ao tráfego por 48 horas.

* * * * *

Paul Rose, de 27 anos de idade, o primeiro dos 5 a ser julgado pelo rapto-assassinio do então Ministro do trabalho, Pierre Laporte, foi condenado, na pretérita sexta-Feira, a prisão perpétua.

O réu admitiu, publicamente, ter participado no rapto, posto negasse ter participado no assassinio.

Robert Limicux, advogado, de 29 anos, sobre quem pesam severas acusações e que terá que ser julgado, possivelmente, em Maio vindouro, dirigiu a defesa.

Este, em harmonia com a lei, recorreu na sentença a instância superior. O julgamento dos outros acusados começará no início de Abril.

Notícias do Cinema

Lorne Greene, o famoso astro da série «Bonanza» está trabalhando arduamente na nova série «THE HAR-

NESS», ainda sem título em português.

Lorne Greene, criado e educado no Canadá, é hoje em dia, um dos artistas mais bem pagos do mundo.

* * *

A famosa cantora-artista inglesa, Petula Clark — radicada na França, está enfrentando as câmaras de Hollywood na série cômica «Stand up and cheer» (Fique em pé e alegre-se).

A nova série em questão será levada ao vídeo cá, no Canadá, no próximo mês de Maio, através da C. B. C. (Canadian Broadcasting Corporation).

* * *

Dinah Shore, a famosa cantora americana, de 53 anos, está filmando uma série de aventuras denominada «Dinah's Place» (O Lugar de Dinah) brevemente no vídeo da televisão do Canadá, através do canal 7, cá, em Winnipeg.

José Tavares

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviar as suas notícias e artigos

Corporativismo: é urgente ensiná-lo

«Continuação da 1.ª página»

das lojas e quando é maior a conveniência dos trabalhadores disporem de tempos livres. As razões da restrição resultam, em primeiro lugar, do facto de toda a matéria referente a horários de trabalho se encontrar em estudo na Câmara Corporativa e ser, portanto, ainda cedo para se tomarem atitudes definitivas a esse respeito; mas resultam, também, de uma realidade evidente, que o ministro Rebelo de Sousa sublinharia, alguns dias mais tarde, em nota oficiosa: é que num país com as precárias condições económicas que são, actualmente, ainda as da economia portuguesa, «o aumento de benefícios para os trabalhadores tem de ser acompanhado do correspondente aumento de produtividade do trabalho, sem o que as empresas não poderão suportar os encargos impostos e irá diminuindo a riqueza nacional, desvanecendo-se na alta dos preços as vantagens obtidas nos salários».

Isto é bem claro e a limitação que daí proveio relativamente às conclusões a que chegara a comissão arbitral pode considerar-se mínima em confronto com o conjunto de vantagens conseguidas para os caixeiros. Não obstante, na assembleia geral realizada no Sindicato Nacional dos Caixeiros para se tomar conhecimento da por-

taria ministerial sobre o assunto, houve quem perdesse a cabeça pelo simples facto de não ter sido autorizada ainda a semana de quarenta e quatro horas. De tal modo os ânimos se exaltaram por uma questão de quatro horas que a reunião chegou a tomar aspectos e verdadeiramente subversivos; e não só aspectos — uma manifestação que a Polícia teve de despensar ontem nas ruas de Lisboa, sem ter tido, de resto, necessidade sequer de efectuar prisões, não foi senão o fruto do clima desvairado em que decorrera a reunião sindical.

Parece que os senhores caixeiros, ou se preocupam exclusivamente em trabalhar menos, pondo em segundo lugar as suas justas aspirações de maior assistência, ou estão a ser manejados, como cordeirinhos, por agitadores profissionais infiltrados no seu Sindicato. Em qualquer dos casos, o seu comportamento vem-nos lembrar quanto ainda é preciso, para eficácia e coerência do Estado Social Corporativo, ensinar aos trabalhadores deste país — e não menos aos patrões, evidentemente — a mais elementar cartilha da doutrina social corporativa. Das muitas tarefas que pesam, quer sobre o ministro das Corporações esta não é, sem dúvida, das menos necessárias nem das menos urgentes.

Visado pela C. de Censura

mas não da justiça da sua consciência, juiz inexorável que a cada momento lhe pedia conta das suas infâmias.

Ao escurecer, um empregado da cadeia levou para casa de D. Aquilino todos os objectos que tinham pertencido ao pobre velho. Luís encontrou entre eles alguns papeis e uma carteira, que em outro tempo teria sido verde, mas que naquela ocasião tinha uma cor indefinida.

Dentro desta carteira havia uma cópia legal de um testamento no qual D. Aquilino instituía o sobrinho universal herdeiro de toda a sua fortuna, deixando contudo uma pensão vitalícia de dez reales diários à velha criada.

Luís, desde aquele instante, não tinha que dar contas a ninguém; era rico, e uma nova vida ia começar para ele.

—Sr.a Quitéria—disse Luís—meu pobre tio deixou de existir sem poder dar as suas últimas ordens; indubitavelmente alguma coisa nos haveria de dizer; porém Deus assim o quis, e é preciso resignação.

A velha criada suspirou. Luís prosseguiu.

—Sem embargo, Deus não quis que se extraviasse esta carteira que continha o seu testamento, no qual me nomeia seu herdeiro universal, encarregando-me ao mesmo tempo de lhe dar a si uma pensão diária de dez reales.

—Teu tio era um homem de bem. Deus o tenha na sua santa glória—atalhou a velha lacrimosa.

—Como senhor que sou da fortuna que meu tio me legou, e em gratidão aos serviços que vocemecê nos tem prestado, aumento-lhe pela minha parte dez reales mais à última vontade de seu tio.

—De modo que terei um duro diário?

—Sim.

—E que queres que faça a tanto dinheiro?

—Quero que viva com mais comodidade do que até aqui; e que não esteja mais tempo sujeita a um amo.

Apesar da criada ter algumas suspeitas a respeito das notas falsas, contudo julgou prudente guardar a maior reserva, não avertendo uma denúncia, que além de não ter as provas, a obrigaria a andar com a justiça às voltas.

Humanizada além disso com a generosidade de seu jovem amo, Luís podia contar com a criada como uma decidida partidária.

—Deus te pague, meu filho, Deus te pague—disse a sra. Quitéria, enxugando as lágrimas.—A tua generosidade para comigo é bastante; porém não hei-de ser-te muito pesada, porque viverei pouco; tenho já cinquenta e oito anos.

(Continua no próximo número)

RICO E POBRE

(Continuado do número anterior)

que o infeliz tinha morrido de uma congestão fulminante, uma dessas mortes repentinas que com tanta frequência sucedem.

Era a coisa mais natural do mundo, e o carcereiro mór ordenou a um guarda que ficasse ao pé do cadáver até que viesse alguém da família que pouco podia tardar.

E efectivamente, pouco depois apresentou-se Luís com a cesta do almoço. Ao saber da morte de seu tio, fingia tão bem o seu papel, que subiu precipitadamente as escadas, e entrando no quarto, caiu de joelhos exalando tristes soluços e exclamando:

—Ahi Eu bem sabia que ele não podia sofrer esta prisão injusta! Já esperava isto mesmo!

Luís fingiu uma dor que não sentia, que todos se compadece-ram dele. Durante uma hora esteve como aniquilado; e isto, que todos atribuíam a uma dor verdadeira, não era outra cousa que o sobressalto que lhe causava ver junto a si, imóvel e rígido, o cadáver da infeliz vítima.

Ao meio dia apresentou-se o juiz O carcereiro mór disse-lhe que tinha encontrado morto aquele ancião, e Luís, com os olhos cheios de lágrimas, lamentou-se da perda daquele que lhe tinha servido de pai.

A declaração do médico foi tão firme, tão cheia de convicção, que o juiz julgou inútil mandar fazer a autópsia ao cadáver.

As cousas marchavam perfeitamente para Luís.

Mandou-se um recado à sra Quitéria dizendo-lhe o que sucedera. A boa mulher dirigiu-se imediatamente para o Saladero, e chorou e orou pela alma de seu infeliz amo, cuja morte não estranhou, pois tinham cometido uma injustiça com ele encerrando-o no Saladero sendo inocente.

A criada dizia estas palavras por entre lágrimas e soluços; porém talvez no fundo da sua alma se albergasse uma dúvida.

Às três da tarde o cadáver foi conduzido para o depósito e depois para o cemitério.

A terra cobria um crime. Luís respirou com liberdade, porém o remorso já o não largava. Tinha escapado da justiça dos homens,

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

Muitos leitores devem ter lido a velhice do Padre Eterno de autoria do célebre escritor e poeta Guerra Junqueiro. Esse alimento espiritual passou a ser dietético e agora não é fácil a qualquer pessoa alimentar-se de melros, ave canora que ele adorava e que nas suas satíricas poesias destacava as suas altas virtudes e especiais melodias que começavam ao alvorecer dos dias desse tempo e também dos tempos actuais. Morreu o Guerra Junqueiro, ficaram os melros e ficou o livro que ele escreveu dedicado ao pássaro negro e de bico amarelo que julgo ser privilégio de Portugal nortenho cujo clima os melros e as melroas muito se ageita às suas exigências sinfónicas. Até os ranchos do folclore nortenho, que nada tem com os cantares do melro, é mais vivo, mais estridente. Isto quer dizer que aonde houver melro há de tudo e também bom folclore. Mas o caso que agora descrevo para preencher a minha página obrigatória ainda não teve o seu epílogo e a sua principal razão da argumentação que só acabarei depois de vos dizer o que disse o sr. Guerra Junqueiro a respeito do tal melro: O melro eu conheço (ele), negro, vibrante e luzidio, madrugar jovial e logo de manhã cedo dava os seus bons dias e alguém não gostava dessas cortezias. E os velhos... desse tempo quando ouviam o melro jovial e alegre a dar-lhe bons dias... desconfiavam do amor que o próximo tem de ter pelas aves filhos como nós da mesma natureza e que não devem desaparecer do convívio social por causa dos estrangeiros tordos que apenas vêm cá em visita de turismo comer a azeitona e causar a morte aos nossos melros porque os caçadores não distinguem as aves para encher o cinto recheado de animais e pássaros. Finalizo dizendo que por causa dos tordos estamos sujeitos a ficar sem melros e pelo visto as relações políticas que os tordos compreenderam estarão tensas levaram esses pássaros a cortar este ano as relações com as oliveiras de Portugal. Vieram alguns recomendados por qualquer embaixada ou consulado para que não acabasse de vez esse terrorismo para as espingardas serem vendidas e a ferugem não destruir aquelas que foram compradas por causa deles e da família «coelho» sem falar na elegante perdiz que as crianças das escolas decerto não chegarão a ver para conhe-

cer a rainha das aves em tamanho, beleza e gosto culinário. Só há quem destrua e a Câmara tem poucos zeladores para destacarem alguns que conservassem aquilo que não pode ser reconstituído se desaparecer. Fiquem pelo menos as mulheres para não desaparecer a raça humana e parece que é isso que ainda por aí muito zelado pelos «melros» de bico amarelo comodamente instalados e realçados em Toyotas, Austins e Fiats e fiats na virgem e não fuja ao cheiro da gasolina.

Não queria ter a triste sorte de vos dizer que em Portugal não se pode viver sem fiscalizações e diz o Comércio do Porto que em Vila Verde um comerciante foi autuado e só autuado! Por vender açúcar com sulfato e leite com nitratos.

É preciso acabar com os comerciantes terroristas mas de uma vez para sempre.

Por hoje só isto para deixar para a semana outras notícias a respeito da Ponte de Ancede aonde a barcaçagem acabará por estar podre o barco e não haver barqueiro que ainda é o irremediável.

Elísio Gonçalves

Luz eléctrica em PORTELA

Enquanto um plano decisivo não resolver o problema da luz eléctrica que sirva todas as terras que a exigem e merecem, teremos sempre os queixumes do povo ferido na sua sensibilidade despeitada e com razão, por viver neste século e há tantos anos a lhar as terras vizinhas que acabaram com o petróleo e com as velas. Sabemos que o problema não é camarário, é nacional e por ser necessário em todo o país só o Governo pode evitar as contrariedades dos administradores do nosso e de outros concelhos.

A freguesia de Portela pede que a imprensa clame para que a Câmara lhe dê luz.

Portela tem uma junta de freguesia que podia evitar os clamores do jornal e desta vez a Tribuna vai fazer a vontade à gente de Portela que merece como todos os outros o fio mágico da riqueza e do progresso em que até anda interessado o próprio Governo.

C.

Visado pela Censura

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã, a sra. Elvira Gonçalves Leite, a menina Maria Alice Fernandes Gonçalves e os srs. Tomé José Gonçalves e Joaquim José de Macedo Martins.

No dia 30, o menino José António Pereira Gonçalves.

No dia 1, o menino Francisco Aurélio Santos Maia.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes muitas felicidades e faz votos de longa vida.

FALECIMENTO

Custódia de Almeida

No passado dia 23, realizou-se o funeral da sra. D. Custódia de Almeida, natural de Paredes Secas e residente em Caldeias, que contava 78 anos de idade.

Era mãe dos nossos assinantes srs. Manuel Afonso Pereira, funcionário da C.U.F., José Pereira e Margarida Pereira, proprietário.

Tribuna Livre apresenta à família enlutada sentidos pésames.



Tribunal Judicial da Comarca

DE

AMARES

ANÚNCIO

2.ª publicação em 27-3-71

Pelo Juízo de Direito desta comarca de Amares, nos autos de execução de sentença que correm termos na secção de processos desta Secretaria, movida por Isidora Martins Caldas, viúva, doméstica, residente na freguesia de Lago, desta comarca, contra José Joaquim Caldas, solteiro, maior, ausente para parte incerta de França e com última residência conhecida no lugar da Ponte, da referida freguesia de Lago, por apenso ao inventário obrigatório a que por esta comarca se procedeu por óbito de Francisco Lopes de Freitas e Maria Martins Caldas, sendo cabeça de casal Isidora Martins Caldas, é aquele executado citado para, no prazo de cinco dias que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, pagar a quantia de seis mil um escudos e dezasseis centavos à exequente, ou nomear bens à penhora.

Amares, 18 de Março de 1971

O Escrivão de Direito,

a) José Maria Crespo Pimenta de Castro

—VERIFIQUEI—

O Juiz de Direito:

Alfredo Jaime Menéres

Correia Barbosa

VÁRIAS NOTÍCIAS de Caires e Paredes Secas

Temos feito os clamores e as adorações da Quaresma com muita assistência de fieis.

Está marcado o nosso confesso quaresmal de desobriga para o dia 3 de Abril, sábado de Ramos. Teremos confessores para atenderem todos os fieis.

A nossa festa da Páscoa é no dia próprio, que este ano ocorre no dia 11 de Abril, dia em que o nosso pároco faz 59 anos pois nasceu em 11 de Abril de 1912. Teremos, como de costume, duas cruzeiras e dois sacerdotes, acompanhando o compasso a excelente Banda de Música de Vieira do Minho.

Os nossos queridos mordomos senhores, José Carlos Coelho, Manuel Martins de Carvalho, António José de Barros e Francisco da Silva Fernandes, estão animados a que nada falte tudo decorra na melhor ordem e harmonia.

A festa da Páscoa em Paredes Secas será no Domingo de Pascoela em 18 de Abril e o mordomo da cruz é o senhor José António da Silva Almeida, do lugar do

Carvalho, que tem estado empregado num dos melhores hotéis da capital.

Há dias tivemos a palestra mensal em Amares do Ciero do Arciprestado, presidiu o M. Rev. Arcipreste sr. P.º Joaquim de Faria Simões que no passado dia 22 de Março completou 69, pois nasceu em 22 de Março de 1902. Desejamos-lhe longa vida e felicidade eclesiais. Foi palestrante o Rev.º sr. P.º Albino José Fernandes Alves, muito digno Abade de Ferreiros (Feira Nova) que fez uma brilhante dissertação sobre a figura do padre nos tempos contemporâneos que a todos assombrou.

No próximo dia 30 de Março, vai fazer 26 anos a prendada menina Rosa Maria Silva Andrade, filha muito querida do senhor Dr. Tomaz de Andrade, que este ano é o digníssimo mordomo da cruz e que vai fazer uma linda festa da Páscoa de Besteiros. Parabéns a toda a Ex.ma Família e a essa freguesia que ainda estimo e amo de todo o meu coração.

C.

A apreciação pública da Reforma da Educação Nacional

(Continuação da 1.ª página)

dades, graças a uma pormenorizada articulação entre as matérias ministradas e as carreiras previstas para formação destes profissionais mais qualificados.

É precisamente no quadro do ensino superior, com efeito, que a Reforma regista uma actualização mais pronunciada, tanto nos aspectos da remodelação dos cursos, como naqueles que respeitam à criação de novos estabelecimentos, tendo como objectivo final o levantamento de uma rede escolar superior que, cobrindo todo o território, proporcione a habilitação dos trabalhadores cujo elevado grau de conhecimentos tão desejável é hoje para o preenchimento dos postos de trabalho requeridos por um progresso cada vez mais acelerado. — A. S. Silva

Telefones dos Bombeiros V. de Amares 62162

Aviso aos avicultores Produção de ovos

Devido à baixa de preços registada neste 1.º semestre do ano em curso, podem os produtores de ovos obter melhores condições de acordo com o sugerido pela Junta Nacional dos Produtos Pecuários.

Neste Grémio se fornecem todas as indicações.

CALDELAS

Os lugares de Ramalha e Tojal da freguesia de Sequeiros estão a cerca de 3 Km da estrada Nacional.

Os seus habitantes há muito tempo que pediram e lhes foi prometido pela Câmara do concelho a construção duma estrada de acesso a estas localidades.

A falta deste pequeno melhoramento ocasiona-lhes graves prejuízos, além de outros, têm de deixar os seus carros abandonados àquela distância.

Ultimamente dois apareceram muito danificados, com os vidros das janelas e faróis partidos et.c

É uma obra relativamente pequena e que traz grandes benefícios, pedem encarecidamente a sua construção.

C.

A primavera aproxima-se

como serão os próximos modelos?

Depois de inverno, frio e neve surge a estação mais alegre das quatro que existem durante o ano. Talvez por ser a primeira mais aparatada.

Para já, ainda se sente o frio embora as aberturas sejam próprias desta quadra que está prestes a iniciar-se. Todavia, não podemos esquecer que ainda recentemente, em vários pontos do País, caía neve! Seja como for; os rebentos das flores, os jardins e as árvores dão o indício desta quadra feliz.

Numa cidade sente-se menos o regresso da Primavera em relação a uma aldeia. Sente-se é certo! Mas numa aldeia os campos, os montes e as árvores parecem jardins adornados e cloridos: a saúde e alegria das crianças...

Na cidade também se presente essa beleza embora sem o tal aspecto comum. Pois, só nos jardins se encontra essa beleza. No Porto, os treze jardins embora bem cuidados, ficam aquém dos de Lisboa e Braga.

Em Braga, pròpriamente dito, existem vários mas o que mais seduz é o egrégio de Santa Bárbara, orgulho da Brácara Augusta. Num subúrbio desta cidade, denominado Bom Jesus do Monte, figuram inúmeros e dos mais variados gostos. Sem narcisar este recanto Bracarense, e menosprezar as centenas dos que existem na nossa Nação, estes devem ser os mais cativantes bem como os mais formosos. Quem co-

nhece o Bom Jesus e os restantes do Continente que diga se tenho ou não razão?

Dentro de poucas horas a Primavera bate-nos à porta e nem por isso devemos esquecer que vem substituir um Inverno, como em cima mencionei, frígido. Tão frígido que os entes actuais não se recordam de outra parecença.

Ao processar-se o trespassamento espera-se mais uma forma nova de modelos; femininos e masculinos. Os masculinos pouco devem alterar. O mesmo não acontece com os femininos! Em quase todas as casas de modas se vêm meninas a fazerem escolha e comentários aos próximos vestuários.

Pergunto eu; qual será o modelo definitivo da Primavera?... A resposta parece estar bem distante e estou convencido, embora com previsões muito próximas, que alguém a possa encontrar. Deve finalizar a moda cigana «os máxis» mas as extravagâncias manter-seão segundo previsões permiditadas.

É pena, realmente, que a ocasião azada de mais uma repetição da quadra que se avizinha não seja de modéstia, caridade, honestidade e amor. Em vez de máxis, saias abertas e abotoadas e o inseparável cigarro.

Não me chame ultrapassado, apreciada Lectora, pois ainda não tenho vinte e quatro anos mas já estou saturado de ver manequins na rual

José António da Silva

OS «TRUSTS»

«Continuado da 1.ª página»

ras de Rádio do Porto se fusionaram e formaram um dos tais «trusts», que o capital individual aconselhava, promovendo a sociedade Emissores do Norte Reunidos, cujo rendimento durante anos fez a fortuna dos seus associados.

Recorda-nos bem, que por essa altura, toda a Juventude, trabalhando por amor à Rádio nos diversos emissores e, portanto, a título gracioso, rejubilou muito convencida de que algo de materializado iria aparecer, para maior desafogo, quer da Rádio, quer dos seus precursores que trabalhavam por amorismo... Seria bom, seria: Mas não foi. Tudo continuou sensivelmente na mesma para os que, entusiasmados, produziam para os Emissores, mas o «trust» deu durante muitos anos resultados mais que satisfatórios aos seus proprietários, passados os quais sempre se começou a tratar de profissionalizar os técnicos ali assistentes.

Surgiu agora — mercê da nova orientação económica do país — a absorção desses postos emissores por uma potência financeira e os Emissores do Norte Reunidos, embora na sua existência contínua, lograram perceber avultada quantia que, naturalmente e muito justamente, foi distribuída pelos sócios.

Ora, um dos contemplados — soube-o há dias — com o seu «cachet» de associado, depois de ter feito fabuloso erário durante anos, resolveu entregar o seu posto emissor por exploração a quem durante aqueles anos todos ali deu a melhor colaboração, mediante cerca de 500 contos anuais auferidos sem mais preocupações. Presumivelmente convencemo-nos que aqueles colaboradores, face ao problema da transacção efectuada, abandonariam o seu trabalho e o seu contrato, como era justo. E assim foi. Críamos, também, que o proprietário da estação em causa seria homem capaz

5.ª COLUNA

(Continuado da 1.ª página)

ra esta minha semana «quinta». Ele aí vai, por mais oportuno, porque assuntos não faltam...

Um pai só mandar o filho à escola quando tem necessidade de justificar, através da certidão competente o abono de família que recebe por aquele, dá de facto crónica oportuna. Pois é verdade:

Já nada me admira neste mundo português, cuja mentalidade é tão escassamente normal que, quando tal aparece, até causa admiração: Consequência desta mentalidade está no facto de até aqui, o farmacêutico fornecedor de medicamentos, sob receita clínica das Caixas de Previdência, ter apenas de junta-las, envia-las à Caixa e receber os 75% correspondentes ao débito do beneficiário que pagara, evidentemente, os 25% da sua quota-parte.

Acontecia, porém, muitas vezes — frequentemente com beneficiários — as farmácias (especialmente as empregadas) mancomunadas com a cliente, substituírem os produtos receitados por artigos de beleza, que a Caixa pagava, claro, como medicamento.

Ultimamente, isto é há dias, o farmacêutico obrigava-se a juntar à receita o «talonnete» comprativo do preço do medicamento vendido. Tal disposição surgiu, naturalmente, face às anomalias cometidas durante a vigência da processabilidade da remessa do receituário e que dera aso ao abuso conhecido, mais tarde.

Não admira, pois, amanhã todo o trabalhador obrigava-se a apresentar certificado da escolaridade dos filhos e a respectiva certidão da Junta de Freguesia conjuntamente. Depois diz-se: afinal cada vez há mais burocracia na consecução dos elementos básicos da sua estruturação. E digo eu: de quem a culpa? Sim: É caso para permitirmo-nos a pergunta, não é verdade, leitor?

EME ABRIL

de compensar, embora modestamente, os rapazes que tanto o ajudaram. Críamos nesse gesto:

Qual gesto, qual carapuça: Nem ao menos lhes ofereceu um almoço como preito do trabalho que os seus colaboradores tiveram durante tantos anos...

É sob este aspecto da questão que o panorama económico português sofrerá sempre de deficiente interesse na acção conjunta empresarial se o Estado não legislar convenientemente como está a ser hábito. Porque o capital português sempre viveu do depósito e nunca da sua expansão para bem de todos. Haja em vista os «trusts».

M. P.

Vis do pela C. de Censura

Morreu em trágico desastre de aviação

O Terrasboureense, João M. R. Marques

(Continuado da 1.ª página)

Marques, por estrada acidentada, para o hospital de Ovar, deficientíssimo e onde era impossível tratar um ferido de tanta gravidade, mas curável indubitavelmente.

Tempo estupidamente perdido, com uma vida a esvaír se, que poderia ter sido levada de helicóptero para um hospital militar bem equipado. Como em Ovar nada podiam fazer, os médicos mandaram a vítima da incúria para o hospital de Santo António, do Porto. Aos solavancos dentro da ambulância, por uma estrada longa e acidentada, o infeliz oficial chegou já morto a este último hospital, a cuja morgue foi entregue, para ser autopsiado.

Entretanto, o cadáver do aspirante ficara em câmara ardente na Base Aérea de S. Jacinto Aveiro.

Pelas dezassete horas do dia quatro, seguido da viúva e demais familiares e amigos, o corpo do jovem aviador minhoto seguiu em auto fúnebre por Aveiro, onde idêntico carro, com os restos mortais do camarada instruendo esperavam

Duas urnas cobertas com a bandeira nacional, que o alferes Rocha Marques ajudara muitas vezes a defender, rodaram a caminho de Lisboa. O corpo do aspirante-oficial ficou depositado na Igreja da Pena, de onde saiu a enterrar no cemitério dos Prazeres, às 15 horas do dia 5. O alferes ficou em câmara ardente na Igreja da Amadora, onde se casara há sete anos. Às 16 horas do dia 5, com honras militares, com a presença de aviadores e alunos do malogrado oficial, contando-se na assistência comovida um oficial representando S. Ex.ª o Secretário de Estado da Aeronáutica e o Coronel Valente, comandante da B. A. 7, baixou à cova simples do cemitério da Amadora, (vila onde morara) para repouso eterno, aquele corpo que vendia saúde.

O alferes piloto-aviador instrutor João Manuel da Rocha Marques, era filho da sra. D. Ana Machado da Rocha Marques e do Reformado do Exército, Manuel José Barreto Marques, moradores em Chorense — Terras de Bouro. Era casado com a sra. D. Maria Berta Pereira do Nascimento Marques e pai da menina Flora Maria e do menino Alexandre Miguel Nascimento Marques.

Era irmão dos srs.: Manuel Aníbal R. Marques, Chefe da Brigada da Direcção Geral de Segurança e que foi expedicionário na Índia Portuguesa; Tenente Reformado Armando Amadeu R. Marques finalista de Direito e Sub Delegado do Procurador da República na comarca de Braga, o qual foi também oficial piloto-aviador e, ten-

do servido em Angola, onde foi louvado várias vezes e condecorado, já no Exército, foi ferido e por isso reformado; Luís Gualberto R. Marques, actualmente em Paris, e que foi um herói de Angola, onde, sendo comandante de destacamento do Corpo de Voluntários, foi louvado, condecorado e recebeu o prémio «Governador Geral» por feitos heróicos em combate; Carlos Magno R. Marques, que serviu dignamente na Marinha de Guerra; Orlando Sérgio R. Marques, sargento miliciano na disponibilidade; Hel- der Nemésio R. Marques, outro herói de Angola, que foi feito prisioneiro no Congo, pelos terroristas, tendo sido martirizado, conseguindo regressar à sua terra, através da Cruz Vermelha Internacional; José Norberto R. Marques, mais um candidato à defesa da Pátria; Maria da Conceição R. Marques, casada na Amadora; Maria de Fátima R. Marques, funcionária da C. M. T. B..

Esta família à qual foi cruelmente arrancado um dos mais dedicados membros, tem dignificado o humilde concelho que lhe foi de berço.

O finado era primo da Alferes Enfermeira-Paraquedista Maria Marques Santos Mota é da irmã desta, Fátima Marque Santos Mota, estudante do Magistério Primário. Outros primos do oficial falecido eram também os srs. dr. Artur Marques, advogado em Braga e dr. Artur Marques, médico cirurgião. Entre os tios daquele aviador, contam-se: P. Barreto, Prof. do Liceu de Braga. P. José Marques, (falecido); Armando Barreto Marques, Pároco de S.ta Marta de Bouro; Prof. Barreto e Prof. Manuel Augusto Barreto Marques, etc.. Era também primo afastado da família Barbosa de Macedo, da Feira Nova e do dr. Paulo Macedo, Presidente da Câmara Municipal de Amareal Advogado.

Este Minho, que o saudoso piloto acarinhava constantemente, voando sobre ele sempre que podia, chora um dos seus filhos, que iria longe se a morte o não arrebatasse. Naquele peito, onde brilhavam, por sob as asas, três medalhas de herói português, ardia o amor ao belo e a amizade para com todos, sobretudo os pobres e os humildes.

Que Deus guarde a sua alma generosa e console a grande família Barreto Marques.

Sê tu generoso... defende os interesses da tua terra.